

Cadernos de Arqueologia

Serie II

Volume 2

1985



Museu D. Diogo de Sousa



Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

BRAGA
PORTUGAL

DIRECÇÃO: Maria Manuela Martins e Manuela Delgado

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Manuel Santos

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Reprografia da Universidade do Minho — Braga

Tiragem: 1000 exemplares

Solicita-se permuta. On prie l'échange. Echange wanted.

A correspondência e as permutas devem ser endereçadas a: / La correspondance et les échanges doivent être adressés à:

/ Correspondance and exchanges should be sent to:

Cadernos de Arqueologia

Av. Central, n.º 39

P - 4700 BRAGA

PORTUGAL

ISSN 0870-6425

Depósito Legal n.º 12467/86

O Culto ao Génio no Noroeste Peninsular*

José d'Encarnação

Resumo

Q. Sabinius Florus erigiu, no termo de Amares (conventus Bracaraugustanus), uma estátua ao Génio, de que foi identificado, em 1983, o pedestal com a respectiva dedicatória.

A forma do monumento e o facto de o nome do dedicante encabeçar a inscrição provam que, no século I, aí existiu um importante local de culto. Sabinius é gentílico raro na documentação epigráfica e pode identificar um colono oriundo da Península Itálica. A ausência de qualquer epíteto da divindade é índice de avançado grau de romanização.

Resumé

Q. Sabinius Florus a dressé, à Amares (conventus Bracaraugustanus), une statue au Genius, dont la dédicace a été trouvée en 1983.

Le nom du dédicant y précède le nom de la divinité; ce fait et la forme du monument démontrent l'existence, au I.^{er} siècle, d'un important lieu de culte. Sabinius est un gentilice rare dans l'épigraphie romaine: il peut identifier ici un colon provenant de la Péninsule Italique. L'absence d'un épithète de la divinité atteste aussi une romanisation avancée.

Summary

Q. Sabinius Florus has built, in the council of Amares (conventus Bracaraugustanus), a statue to Genius, whose pedestal and its respective dedication were identified in 1983.

The shape of the monument and the fact that the dedicator's name is at the head of the inscription establish the evidence that an important place of cult existed there in the first century. Sabinius is a rare name in the epigraphic documentation and can here identify a colonist from the Italic Peninsula. The absence of any epithet referring the divinity constitutes the sign of a high degree of romanization.

* Fotografia: Manuel Santos (M.R.D.D.S.)

Ao dar uma panorâmica dos vestígios encontrados no Noroeste peninsular relativos ao culto da divindade tutelar romana *Genius*, Alain TRANOY (1981, 322) chega à conclusão de que esse culto, tal como os de *Fortuna* e de *Tutela*, «não parece ter conhecido particular sucesso» na região.

De facto, seguindo a argumentação daquele historiador, as três aras do *conventus Asturum* são dedicatórias oficiais, assim como duas de Braga, incluindo a do *Genius Macelli* (ILER, 547). Há três génios invocados como protectores de entidades locais — *Laquinensis*, *Tiauranceaicus* e *Tongobricensis* (TRANOY, 1981, 302) e apenas numa ara o Génio se regista a título privado: o altar que, em Alvarelhos (Sto. Tirso), lhe é dedicado por *Saturninus, Caturonis filius* (ILER, 543)¹. É, aliás, sobre este monumento que A. Tranoy tece algumas considerações que interessará aqui transcrever para melhor se compreender a importância documental da epígrafe que é objecto da presente nota. Escreve A. TRANOY (1981, 322):

«Este altar [de Alvarelhos] apresenta a particularidade de estar encimado por uma pinha, colocada no lugar onde seria habitual encontrar-se o *focus*: ao invocar o seu *Genius*, Saturnino faz um voto a fim de atrair as boas graças do deus e garantias de imortalidade no Além, simbolizada pela pinha, decoração clássica dos monumentos funerários. Este altar é, também, um marco na evolução dos cultos no Noroeste. Numerosos deuses indígenas atestados pela epigrafia desempenham funções tutelares que puderam ser, numa primeira fase, assimiladas ao conteúdo dum deus romano em dedicatórias mistas com um *Genius* seguido de um epíteto indígena; a evolução conduziu ao desaparecimento do epíteto local em benefício exclusivo do deus romano: é esse processo que se encontra documentado pela ara de Alvarelhos, onde o *Genius* substitui, provavelmente, uma divindade local cujas características funerárias são recordadas pela decoração».

E quando, em 1969, J. Alarcão, R. Étienne e G. Fabre discreteram sobre o culto dos Lares em Conímbriga, referiram-se também ao culto prestado ao *Genius* (o.c., mapa 2), sublinhando que esse culto penetrara mais facilmente nas zonas submetidas no final da conquista, acrescentando: «Nós estamos somente certos de que fora da estreita zona do *conventus Bracaraugustanus* e do Norte da Lusitânia, não se encontra menção a um génio de tipo indígena» (o.c., 228).

¹ Poderá existir mais um testemunho além destes. De facto, HÜBNER (CIL II, 5581) sugere que se leia *Genius loci* na inscrição dum penedo hoje no Museu de Martins Sarmento (CARDOZO - 1972, 45). A. TRANOY (1981) não se refere a este texto, procedente de S. Martinho de Penacova (Felgueiras), certamente devido às dificuldades da sua interpretação.

A importância da epígrafe de Amares deriva, justamente, de melhor poder documentar o referido processo de aculturação.²

O monumento foi utilizado como material de construção na capela de S. Vicente, demolida em 1815.

Identificou-o, em 1983, José Pedro Ribeiro no decorrer do levantamento arqueológico do concelho: estava encostado a uma das casas da Quinta de Rios de Cima, freguesia de Caires, concelho de Amares, onde ainda (1985) se encontra.

Em granito porfiróide de grão grosseiro (comum na região), o monumento apresenta-se praticamente intacto — ligeiras e insignificantes esmurradelas na molduração do capitel (por exemplo, na face lateral esquerda). Ao centro da face superior, plana, há uma cavidade quadrangular, com moldura rebaixada, que serviu para encaixe de uma estátua, certamente a da divindade homenageada. Sob o plinto directamente em contacto com a estátua, há, nas quatro faces, uma moldura do tipo garganta encestada seguida de filete directo. O fuste, liso, ostenta a inscrição na sua face dianteira. A base apresenta um filete reverso seguido de moldura do tipo garganta reversa e toro; encaixava num plinto por meio de espigão, rudemente afeiçoado (para mais facilmente agarrar a argamassa) de, aproximadamente, 9 cm de alto. Tipologicamente, um pedestal de muito boa qualidade, bem proporcionado, dentro dos cânones clássicos.

39 x 37
 Dimensões: 88 x 33 x 31
 33 x 38
 Campo epigráfico: 47 x 33

Q(uintus). SABI/NIVS.FLO/RVS.GEN/IO.V(otum).S(olvit).L(ibens).M(erito).

Quinto Sabínio Floro cumpriu de bom grado o voto ao Génio, digno de merecimento.

Alt. das letras: l.1: 6,5/7,5 (I=9,5); l.2: 7 (NI=9, FL=8); l.3: 6,5/7,5; l.4: 6,5/7. Esp.: 1 a 4: 3; 5: 6.

Paginação com rigoroso alinhamento à esquerda. O *ordinator* procurou, no entanto, preencher todo o espaço disponível sem se preocupar com a adopção de um módulo menor que possibilitasse uma translineação mais correcta: respeitou a divisão silábica nas duas 1.^{as} linhas, mas na 3.^a viu-se forçado a separar o N do I, para não ficar o O isolado junto da fórmula final. De qualquer modo, apesar do aspecto compacto das linhas 3 e 4, o conjunto resultou harmonioso; a regularidade dos espaços deve-se, sem dúvida, à existência prévia de linhas de pauta; e a tentativa

² Agradecemos penhoradamente à Dra. Manuela Martins, da Universidade do Minho, ter-nos dado conhecimento da peça e ter posto ao nosso inteiro dispor as informações que colheira sobre o monumento, designadamente as circunstâncias do achamento, análise do suporte, medidas, fotografias.

de puxar o texto um tudo-nada acima encontra justificação no facto de a epígrafe se destinar a ser lida de um plano superior. O recurso a nexos, na linha 2, foi expediente airoso para solucionar as dificuldades resultantes da inadequada dimensão escolhida para as letras. Já para a adopção do I longo, na linha 1, não vemos outra explicação que não seja a de ordem estética, quiçá por influência do NI da linha seguinte. Não nos repugna, porém, que possa ter havido aí também a intenção de marcar a sílaba tónica ou a quantidade³.

Pontuação triangular, correctamente empregada.

Caracteres actuários, bem gravados, de ducto irregular: Q redondo, de haste breve, oblíqua, recta, afilando para a ponta; S simétrico, levemente inclinado para a frente; A de barra ténue e vértice assinalado por um traço; B assimétrico; V muito estreito, inclinado para trás, com o primeiro braço maior que o segundo; R de perna oblíqua e alta; G a denotar uma tendência para a haste ser representada enrolando para o interior; M esguio, certamente por causa da falta de espaço. O nexos NI desenhado à maneira habitual com o I prolongando superiormente a última perna do N. Não deixa, no entanto, de ser curioso verificar como o lapicida soube evitar a possível confusão do nexos FL com a letra E, mediante a obliquidade das barras: as do F obliquam para cima, a do L para baixo.

Tanto a paginação como os dados paleográficos documentam a existência de artífices profundamente conhecedores das normas vigentes nas melhores oficinas lapidárias.

Essa profunda aculturação patente nos aspectos materiais do monumento está documentada também na estrutura textual e na utilização da fórmula *votum solvit libens merito*, característica de uma fase já adiantada da romanização.

Dir-se-á que não será tanto assim, porque a identificação da divindade vem no final, após a menção do dedicante e, ainda por cima, não lhe é dado qualquer relevo — antes pelo contrário, a deficiente translineação precisamente ocorrida no nome do deus constitui prova cabal de inadaptação. De facto, à primeira vista assim é e basta atentar nas inscrições dedicadas aos Génios na Península⁴ para nos darmos conta de que o teónimo encabeça invariavelmente a dedicatória⁵. No entanto, se observarmos melhor, verificaremos que há duas excepções: o texto de Laminium (ILER, 571) e o de Cartagena (ILER, 574). Refere-se o primeiro à estátua de prata mandada erigir, a expensas suas, por *L. Livius Lupus*, cuja identificação encabeça a epígrafe; o segundo diz respeito à erecção de uma coluna em honra do génio do ópido, cuja inauguração foi celebrada com pompa e jogos — antecedem o teónimo os nomes dos ofertantes. P. Le Roux, ao referir-se à inscrição CIL II, 151, considera-a datável do século I, «porque o nome da divindade

³ Sobre os significados a atribuir ao I longo nas inscrições romanas, cf. RODRIGUEZ ADRADOS (1971). O esborado da pedra impede-nos de garantir se o I da linha 4 seria longo também.

⁴ ILER, 543-578; ALARCÃO, 1969, 229-231.

⁵ ILER, 721, que também publicámos com diferente versão em 1975 (p. 91-92), tem leitura diferente, como mostrou J. Cardim Ribeiro em comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Linguas y Culturas Paleohispánicas (Vitória, Maio 1985), com o título *Uma falsa divindade indígena*: trata-se da dedicatória feita ao Génio por Aponia Nicopolis. Aqui, porém, o teónimo surge em sigla no começo do texto e por extenso no fim.

está colocado no fim» (1982, 200). De momento, não nos parece inteiramente válido este argumento de ordem cronológica, embora — como veremos — também o monumento de Amares se possa datar dessa época. Em nosso entender, a razão deve procurar-se, acima de tudo, no contexto arqueológico da epígrafe⁶. Destinada a figurar num local de culto tradicional, como legenda da representação escultórica da divindade aí venerada, não precisava de pôr em destaque uma informação sobejamente conhecida. O que, de facto, diferenciaria esta de outras eventuais dedicatórias — de que, segundo consta, ainda haverá notícia — era justamente o nome do dedicante: esse é que interessava, pois, salientar, mencionando-o à cabeça do texto e não hesitando em ocupar com a sua identificação duas linhas e meia num texto de quatro.

Mas quem era, então, essa personagem que desejou perpetuar na pedra a sua devoção ao Génio?

Por usar os *tria nomina*, podemos garantir que seus pais já se encontravam bem dentro do esquema identificativo romano. Na circunstância, à omissão da filiação e da tribo não pode ligar-se importância desmedida: trata-se de uma dedicatória religiosa e não de um acto público em que, além do indivíduo, contasse também o seu estatuto sócio-jurídico, de nulo valor perante a divindade. Por conseguinte, por aí a nossa investigação está limitada: tanto podemos estar perante um indígena romanizado como diante de um colono inteiramente alheio à região. Tentemos, pois, outras direcções.

Sabinus é gentílico de que não conhecemos exemplos na Península Ibérica. Formado, certamente, como o seu cognome correspondente *Sabinus*⁷, a partir do etnónimo *Sabinum*⁸, são inclusive muito poucos os testemunhos da sua ocorrência documentados no mundo romano (cf. RE, s.v. «Sabinus»): um *Q. Sabinus Veranus* foi arrendatário de portagens (*conductor portorii*) na província do Ilírico ao tempo de Antonino Pio (CIL III, 4015); *C. Furius Sabinus Aquila Timesitheus* exerceu funções de prefeito do pretório sob Gordiano (CIL XIII, 1807); *Sabinus Barbarus* esteve como legado propretor do exército africano no reinado de Trajano. Conhecem-se três mulheres com este gentílico: *Sabinia Felicitas* (CIL IV, 31 665); *Sabinia Celsina*, da ordem senatorial (CIL VIII, 7054); e a mulher de Gordiano III, *Furia Sabinia*

⁶ Dispensamo-nos de aludir aqui exaustivamente a esse contexto, porque ele é objecto de estudo na tese de doutoramento que Manuela Martins proximamente defenderá. Anotemos, para já, que é por demais significativa a circunstância de aí se ter erigido uma capela cristã, o que pode indicar a existência de um culto anterior. Há perto o chamado castro do «Caires» romanizado; daí proveio o notável baixo-relevo dum cavaleiro datável da época romana, hoje no Museu de Martins Sarmento (CARDOZO, 1972, 156). Recorde-se, finalmente, que o local possui uma toponímia deveras significativa: Cidade e Biscaia, Lugar de Gróvios.

⁷ «O mais popular cognome de origem geográfica», segundo I. KAJANTO (1965, 30), com 1452 exemplos documentados no conjunto CIL.

⁸ KAJANTO, 1965, 186.

Tranquillina (RE, s.v. «Furius», n.º 98). Ninguém, portanto, com uma ligação directa à Península⁹.

Por consequência, pelo gentílico seríamos tentados a concluir tratar-se de alguém estranho à Hispânia e mais ligado, quiçá, ao coração da Península Itálica.

A análise do cognome também não é mais significativa. Embora de origem claramente latina¹⁰, *Florus* está quase no fim da lista dos dezasseis cognomes mais frequentemente atestados na Galícia romana, apresentada por A. TRANOY (1981, 364). Compulsando os índices da obra de J. Vives (ILER, 695), verificamos, ainda, que a quase totalidade dos exemplos peninsulares (que raia as duas dezenas) se refere a indivíduos com os *tria nomina*. A. Tranoy cita expressamente, para a Galícia, *C. Antonius Florus* que fez uma dedicatória às ninfas (ILER, 603) e, dubitativamente, *L. Val(erius) Florus*, dedicante de um ex-voto à divindade indígena *Munidia* (1981, 276).

Estamos, pois, também no que se refere ao cognome, perante uma onomástica que não se prende directamente com a Península nem com o Noroeste, aspecto que não deixa de ter interesse.

Como já sublinhámos, aqui o Génio é venerado sem qualquer epíteto, tal como acontecia na referida epígrafe de Alvarelos (ILER, 543) e no texto de Olísipo (cf. nota 3)¹¹. Verifica-se ser caso raro no Noroeste e na Península e A. Tranoy apontou o exemplo de Alvarelos como um marco no processo de romanização. É-o, de facto, porque o dedicante é indígena. Mas idêntica interpretação se não pode dar ao monumento de Amares, porque o dedicante não parece ter, pela onomástica, qualquer ligação com o meio social peninsular.

Nesse caso, como interpretar a dedicatória?

Q. *Sabinus Florus* é um imigrante, possivelmente um dos colonos com alguns meios financeiros e influência social. Instalou-se, floresceu e rendendo graças ao Génio do lugar que prosperamente o acolheu, indirectamente homenageia o seu Génio que o protegeu. No caso de Olísipo, pensa J. Cardim Ribeiro que G. S. se deverá desdobrar em G(*enio*) S(*uo*); nós preferimos G(*enio*) S(*acrum*). E, assim, nos três casos, teríamos uma invocação ao Génio do lugar: o seu (eventual) epíteto não se mencionou, porque desnecessário ou inexistente.

Indício, portanto, de uma romanização florescente, o (aparentemente singelo) monumento de Caires documenta, assim, de modo particular, a existência de importante local de culto que

9 Foi-nos sugerida por Patrick Le Roux outra interpretação, com base em exemplos do Noroeste peninsular: a transformação local do *cognomen* *Sabin-us* em gentílico, assumindo a correspondente terminação em *-ius*. Algo de semelhante ao que, em seu entender, se teria passado, nalguns casos, com *Flavius* e *Flavus*: cf., no mesmo sentido, TRANOY, 1981, 280, n.º 149. Nessa circunstância, teria de considerar-se Q. *Sabinus Florus* um indígena intensamente romanizado.

10 KAJANTO (1965, 233-4) refuta a hipótese de se tratar de um antropónimo relacionado com o nome da deusa *Flora*; prefere fazê-lo derivar do adjectivo *florus*, florescente. Há mais de 500 testemunhos do seu uso no conjunto do CIL.

11 Sobre o culto ao Génio em geral ver, por exemplo, TOUTAIN, I, 1967, 439-464.

serviria obviamente um aglomerado populacional relevante. E Q. *Sabinus Florus*, consciente ou inconscientemente, desempenhou significativo papel nessa romanização.

Pela tipologia do monumento e pelas características paleográficas do texto estamos em pleno século I da nossa era.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., R. Etienne e G. Fabre (1969) — *Le culte des Lares à Conimbriga (Portugal)*, CRAI, pp. 213-236.
- CARDOZO, Mário (1972) — *Catálogo do Museu de Martins Sarmiento*, 2.^a edição, Guimarães.
- CIL=*Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1975) — *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa.
- ILER=VIVES, José (1971-1972) — *Inscripciones latinas de la Espana romana*, Barcelona.
- KAJANTO, Iiro (1965) — *The latin cognomina*, Helsinki, 1.
- LE ROUX, Patrick (1982) — *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques*, Diffusion du Bocard, Paris.
- RE=*Paulys Real-Encyclopadie der classischen Altertumswissenschaft*, Estugarda.
- RODRIGUEZ ADRADOS, Jesús Victor (1971) — *Usos de la I longa en CIL II*, Emerita, 39, pp. 159-168.
- TOUTAIN, J. (1967) — *Les cultes paiens dans l'Empire Romain*, I, Roma.
- TRANOY, Alain (1981) — *La Galice Romaine*, Diffusion du Bocard, Paris.



1 Face epigrafada do monumento.



2 Parte superior do monumento.